Laura Bellini



Devolva-me Esta Dança

Um passo do passado.
Uma nova coragem para se deixar abraçar

Devolva-me Esta Dança

Um passo do passado. Uma nova coragem para se deixar abraçar

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901250

ALL-IN Rafał Płonkowski

ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Passos que nunca esquecemos 13
Capítulo 2 - Entre a luz e a sombra 24
Capítulo 3 - Quando a música silencia 36
Capítulo 4 - Coisas que não se dizem de imediato 47
Capítulo 5 - O direito de dizer não 60
Capítulo 6 - Aquele único passo 72
Capítulo 7 - O que não se vê no espelho 83
Capítulo 8 - Do outro lado da lente 95
Capítulo 9 - A coragem de não soltar 106
Capítulo 10 - Sem um ritmo marcado 119
Capítulo 11 - Um lugar à mesa 131
Capítulo 12 - O preço das coisas não ditas 141
Capítulo 13 - Nem tudo está à venda 153
Capítulo 14 - A verdade dita em voz baixa 164
Capítulo 15 - O nome que ficou de fora 174
Capítulo 16 - Quando é preciso soltar a mão 186
Capítulo 17 - Meu próprio passo 199
Capítulo 18 - A luz sem disfarces 209
Capítulo 19 - Já não precisamos sussurrar 219
Capítulo 20 - A dança que permanece 231

INTRO

A primeira regra que eu ensinava aos meus alunos era que, na dança, ninguém precisava entregar a outra pessoa o controle sobre o próprio corpo. Era possível confiar no parceiro, permitir que ele conduzisse, até fechar os olhos por um instante, mas era preciso saber sempre onde terminava a decisão dele e começava a nossa.

Naquela quinta-feira à noite, eu mesma estava tendo dificuldades para seguir essa regra.

Estava no meio do salão de baile de um hotel em Olsztyn, segurando o cronograma dos ensaios em uma das mãos e, na outra, o celular, que não parava de vibrar havia dez minutos. Do lado de fora das janelas altas, a chuva de novembro borrava as luzes da cidade. Lá dentro, o ar tinha cheiro de piso recém-encerado, café e flores que alguém, definitivamente, havia colocado cedo demais nos parapeitos.

— Renata, me diga que você não está pensando em mudar todos os casais de lugar outra vez — disse Marta.

Minha amiga, que também era instrutora havia doze anos, me observava por cima de uma xícara de chá. Ela me conhecia bem o suficiente para identificar uma catástrofe pela maneira como eu organizava as folhas de papel.

— Não todos. Só três.

— Claro. Ou seja, metade da coreografia.

— Você está exagerando.

— E você tem quarenta e sete anos e ainda acredita que, se planejar coisas suficientes, a vida não vai ousar surpreendê-la.

Lancei a ela um olhar de reprovação, mas não respondi. Marta tinha razão, o que era uma das características mais irritantes dela.

O baile beneficente aconteceria dali a seis semanas. O dinheiro arrecadado seria destinado à compra de equipamentos para salas de reabilitação infantil, e minha escola de dança ficaria responsável pela apresentação de abertura da noite. Mas não se tratava apenas de um espetáculo. Havia meses eu procurava uma maneira de criar, na escola, um programa permanente de aulas para adultos que estavam voltando a se movimentar depois de um longo período de inatividade. Os organizadores do baile haviam prometido me apresentar a possíveis parceiros financeiros.

Depois de quinze anos administrando meu próprio negócio, eu sabia o valor de oportunidades como aquela.

Também sabia como podiam desaparecer depressa.

— Encontrei alguém para substituir o Paweł — anunciou Marta.

Levantei a cabeça.

— Quem?

— Alguém que, pelo que dizem, dança muito bem.

— Marta.

— E aceitou ajudar sem cobrar nada.

— Marta, o sobrenome.

Minha amiga colocou a xícara sobre a mesa.

— Krzysztof Orłowski.

Por um instante, só consegui ouvir a chuva batendo contra os vidros.

Aquele nome não pertencia à minha vida atual. Estava guardado em algum lugar entre o ginásio da escola, as fitas cassete e o vestido azul que minha mãe havia ajustado para o baile de formatura. Pertencia à época em que eu acreditava que amar alguém intensamente era suficiente para deixar de ter medo do futuro.

— Aquele Krzysztof Orłowski? — perguntei.

— Quantos você conhece?

— Um a mais do que gostaria.

Marta sorriu com cautela.

— Nesse caso, estamos com sorte.

— Estamos?

— Você precisa de um parceiro para a coreografia principal. Ele voltou para Olsztyn. Vai fotografar o baile e, pelo visto, ainda se lembra de como dançar.

Eu me lembrava.

Também me lembrava de que, quando tínhamos dezessete anos, ele era capaz de me conduzir por um salão lotado como se não existisse mais ninguém além de nós dois. De que nunca contava os passos em voz alta, apenas cantarolava baixinho a melodia. E de que, no último dia de aula, havia me beijado atrás do ginásio e depois partido para Varsóvia, antes que tivéssemos tempo de decidir o que aquele beijo realmente significava.

Não havia nenhuma grande tragédia nisso. Dois adolescentes, duas cidades diferentes, duas vidas.

Ainda assim, a memória tinha o estranho hábito de conservar detalhes dos quais qualquer pessoa sensata já deveria ter se livrado havia muito tempo.

— Não — respondi.

— Você nem o viu ainda.

— É exatamente por isso que estou dizendo não.

Marta abriu a boca para responder, mas a porta do salão se entreabriu, deixando entrar o ar frio do corredor.

Eu me virei.

O homem parado na entrada usava um casaco escuro, um suéter cinza e calças pretas. Segurava uma bolsa de equipamentos fotográficos em uma das mãos e um guarda-chuva fechado na outra. Parecia mais alto do que eu me lembrava, ou talvez minha memória tivesse preservado as proporções daquela época. Alguns fios grisalhos haviam surgido entre os cabelos escuros, e seu rosto adquirira traços mais severos.

Uma coisa, porém, permanecia inalterada.

A maneira como ele olhava.

Não tinha pressa em formar uma opinião. Primeiro observou o salão, a pista de dança, as luzes refletidas nos espelhos. Só depois seus olhos encontraram os meus.

— Renata Gawron — disse baixinho.

Não soou como uma pergunta.

— Krzysztof.

Ele esboçou um sorriso.

— Eu esperava que você me reconhecesse.

— É difícil esquecer um homem que pisou no meu pé durante nossa primeira competição de dança.

— Isso foi há quarenta anos.

— Trinta e quatro — corrigi automaticamente.

Seu sorriso se alargou.

— Então você se lembra.

Marta nos observava com a expressão de alguém que acabara de descobrir um assunto extraordinário para meses de conversas acompanhadas de vinho.

— Vou deixar vocês sozinhos por um instante. Preciso conferir a música.

Não tentei impedi-la. Ainda me restava dignidade suficiente para não implorar que minha amiga me salvasse de um homem que eu havia visto pela última vez no século passado.

Krzysztof se aproximou. Não demais. Parou do outro lado da mesa onde eu havia espalhado os documentos.

— Soube que você precisa de um parceiro.

— Preciso de alguém que compareça a todos os ensaios, aprenda a coreografia e não tente improvisar.

— Então não sou a pessoa certa.

— Era exatamente o que eu ia dizer.

Ele soltou uma risada breve. Não havia nela o menor sinal de ofensa, e isso me desestabilizou mais do que qualquer provocação teria conseguido.

— Você ainda planeja tudo? — perguntou.

— E você ainda acha que planejar é um defeito?

— Não. Só me lembro de quando você perdeu a folha com a coreografia e nós fizemos a melhor apresentação das nossas vidas.

Eu também me lembrava daquela noite. A competição no auditório da escola, o cheiro de laquê, a mão dele apoiada nas minhas costas e o momento em que, em vez de entrar

em pânico, eu simplesmente me permiti acompanhar a música.

Não tinha a menor intenção de contar isso a ele.

— Faz muito tempo.

— Eu sei.

Durante alguns segundos, ficamos nos olhando em silêncio. Percebi pequenas rugas ao redor dos olhos dele e uma marca de aliança no dedo, mais clara que o restante da pele da mão. Quando notou meu olhar, enfiou instintivamente a mão no bolso do casaco.

Não perguntei nada.

Havia muito tempo eu acreditava que os casamentos, os divórcios e as histórias mal resolvidas dos outros não deveriam se transformar em problemas meus.

Especialmente quando pertenciam a um homem que, de repente, me fazia lembrar quem eu era antes de aprender a proteger o próprio coração.

— Podemos tentar? — perguntou.

— Tentar o quê?

— Dançar. Um minuto. Se você achar que não sirvo, vou embora e não volto a incomodá-la.

Olhei para o relógio. O próximo ensaio começaria em vinte minutos, e eu ainda precisava corrigir a posição dos casais.

Eu tinha todos os motivos para recusar.

— Um minuto — concordei.

Krzysztof tirou o casaco e o colocou sobre uma cadeira. Arregaçou as mangas do suéter e depois estendeu a mão em minha direção.

Hesitei.

Não porque tivesse medo de dançar. Passei toda a minha vida adulta ensinando outras pessoas a se movimentarem no ritmo da música, a confiarem nos próprios pés, a recuperarem a segurança depois de um fracasso. O que eu temia era algo muito menos racional.

Que meu corpo se lembrasse dele antes que minha razão tivesse tempo de reagir.

Coloquei minha mão sobre a dele.

Sua pele era quente, um pouco áspera pelo trabalho. Krzysztof não apertou meus dedos mais do que o necessário. Esperou que eu mesma me aproximasse.

Os primeiros acordes de uma valsa começaram a sair dos alto-falantes.

— Pronta? — perguntou.

— Sempre.

— Você continua mentindo tão bem quanto antes.

Eu ia responder, mas ele deu o primeiro passo.

E, de repente, parei de pensar nas listas, nos patrocinadores, nos custos do aluguel do salão e na quantidade interminável de responsabilidades. Não porque tudo aquilo tivesse perdido a importância. Simplesmente porque, durante alguns compassos, outra possibilidade também existia: eu não precisava conduzir. Podia responder aos movimentos de outra pessoa sem perder nada de mim mesma.

Krzysztof não dançava perfeitamente. Atrasou-se um pouco em um giro e, no seguinte, precisou corrigir a posição dos braços. Mas prestava atenção à música e a mim. Quando mudei de direção, não tentou me obrigar a seguir o

passo anterior. Acompanhou minha decisão e, em seguida, retomou a condução com naturalidade.

Era exatamente assim que uma parceria deveria funcionar.

Paramos quando a música terminou.

A mão dele permaneceu por um instante nas minhas costas.

— O minuto acabou — disse.

— Eu percebi.

— E então?

Afastei-me devagar.

— Você precisa melhorar seus giros.

— Isso significa que posso ficar?

Olhei para a pista vazia e depois novamente para ele.

Eu já não conhecia aquele homem. Sabia a seu respeito apenas o que era possível descobrir em algumas fotografias publicadas na imprensa local e em notícias ocasionais de antigos conhecidos. Não fazia ideia do verdadeiro motivo de seu retorno, nem do que procurava no lugar que nós dois havíamos deixado para trás.

Mas sabia que, durante aquele último minuto, eu não quisera que a música terminasse.

— Você fica por uma semana de experiência — respondi. — Depois eu decido.

Krzysztof assentiu.

— Justo.

Ele pegou o casaco, mas, antes de vesti-lo, voltou a olhar para mim.

— Renata?

— Sim?

— É bom ver você de novo.

Disse aquilo sem sorrir. Sem flertar, sem recorrer a alguma brincadeira atrás da qual pudesse esconder o verdadeiro significado das palavras.

E foi justamente por isso que não consegui responder de imediato.

Quando ele saiu, fiquei novamente sozinha no salão, acompanhada pelo cronograma, pelo café frio e pelo reflexo de uma mulher que, ao longo dos anos, aprendera a não precisar dos braços de ninguém.

Continuei olhando para a porta fechada, ainda sentindo nas costas o lugar onde a mão dele havia repousado.

Eu seria capaz de permitir que ele se aproximasse mais, sem aceitar, mais uma vez, viver à sombra de uma história que outra pessoa não tivera coragem de contar por inteiro?

Capítulo 1 - Passos que nunca esquecemos

Na manhã de sexta-feira, descobri que o nome de Krzysztof Orłowski era mais eficaz do que um café forte para me despertar completamente.

Estava bem no alto de uma mensagem enviada pela organizadora do baile, logo abaixo das informações sobre uma alteração no cronograma dos ensaios. Deslizei o dedo pela tela do celular, tentando ignorar a estranha satisfação que senti ao ver o nome dele. Na véspera, eu havia concordado em lhe dar uma semana de experiência. Naquele dia, deveria tratá-lo como qualquer outro participante do projeto.

Esse era o plano.

O problema era que os outros participantes não tinham me beijado trinta anos antes, atrás do ginásio da escola.

— Você está com cara de quem acabou de receber uma intimação da Receita Federal — observou Marta.

Ela estava sentada no chão da nossa escola de dança, cercada por caixas de papelão cheias de decorações. A luz pálida daquela manhã de novembro entrava pelas janelas altas. Duas xícaras descansavam no parapeito, enquanto uma versão instrumental de um antigo sucesso musical tocava suavemente nos alto-falantes.

— Pior. Recebi um novo cronograma.

— Com Krzysztof?

Não respondi.

Marta soltou uma risada satisfeita.

— Eu sabia.

— Sabia o quê?

— Que esse homem ia bagunçar a sua cabeça.

— Ele bagunçou a minha agenda. Existe uma diferença fundamental.

Abri o notebook e coloquei na tela o planejamento da coreografia. A apresentação principal começaria com uma valsa, passaria para uma parte mais tranquila, executada por seis casais, e terminaria com uma sequência contemporânea, na qual a condução clássica daria lugar a movimentos mais livres. Eu queria mostrar que a dança não termina com a juventude e que a proximidade não exige perfeição.

Esse último pensamento soou perigosamente pessoal dentro da minha cabeça.

— Ele tem cinquenta e um anos — lembrei a Marta. — Eu tenho quarenta e sete. Nós dois somos adultos o suficiente para não transformar algumas lembranças em um melodrama.

— Interessante você mencionar isso por conta própria.

Fechei o notebook com força demais.

— Preciso conferir a iluminação antes do ensaio de hoje.

Marta ergueu as mãos em sinal de rendição, mas vi seu sorriso.

Às cinco da tarde, o salão do hotel ainda estava vazio. Cheguei mais cedo para marcar com fita adesiva os pontos de entrada dos diferentes casais. Os técnicos terminavam de posicionar os refletores, enquanto um funcionário arrastava cadeiras para perto da parede. Eu gostava daquele momento anterior aos ensaios, quando tudo ainda parecia

possível, antes que o cansaço, as ambições e os mal-entendidos humanos começassem a complicar até os planos mais simples.

Espalhei minhas anotações sobre uma mesa e liguei a música.

— Você sempre começa sem mim?

Virei-me.

Krzysztof estava junto à porta, usando calças escuras e uma camisa azul-marinho. Não trazia o casaco nem a bolsa fotográfica. Parecia menos um visitante e mais alguém que realmente pretendia participar dos ensaios.

— Você chegou dez minutos antes do horário — observei.

— E você, vinte.

— Sou a organizadora.

— E eu queria descobrir se você trata todo mundo com a mesma severidade.

— Claro que sim.

— Nesse caso, sinto pena de todos.

Ele se aproximou da mesa, mas não tentou olhar minhas anotações sem permissão. Percebi imediatamente aquele pequeno gesto. Ao longo dos anos, eu havia me acostumado com pessoas que interpretavam meus planejamentos como convites para apresentar suas próprias ideias.

— Você tem quinze minutos para aprender a primeira parte — anunciei. — Depois os outros vão chegar.

— Quinze?

— É pouco?

— O suficiente para memorizar os passos. Não necessariamente para aprender a conhecer você.

Olhei para ele por cima das folhas.

— Você não precisa aprender a me conhecer.

— Se vamos dançar juntos, preciso saber quando você pretende mudar de direção.

— Eu vou avisar.

— É justamente isso que eu gostaria de evitar.

Endireitei a postura.

— Como é?

Krzysztof caminhou até o centro da pista. Durante alguns instantes, examinou as marcações espalhadas pelo chão.

— Ontem percebi uma coisa durante aquele minuto. Você conhece cada compasso, mas também tenta decidir qual será o meu próximo movimento. Se continuar conduzindo nós dois, o público vai enxergar duas pessoas seguindo instruções, não um casal.

Senti aquela conhecida pontada de irritação que costumava surgir quando alguém avaliava meu trabalho antes de compreender seus objetivos.

— Eu crio coreografias há mais de vinte anos.

— Eu sei.

— Então talvez você possa me deixar fazer meu trabalho.

— Com prazer. Sob uma condição.

Soltei uma risada sem qualquer diversão.

— Você não está exatamente em posição de impor condições.

— Então não precisa aceitar.

Ele disse aquilo tranquilamente, sem provocação. Não tentava conquistar nenhuma vantagem sobre mim. Apenas

permanecia no meio da pista, preparado para aceitar uma recusa.

— Que condição? — perguntei.

— Primeiro dançamos a sequência exatamente como você a preparou. Depois fazemos uma vez sem suas instruções. Só então decidimos o que manter.

— Não vou modificar a coreografia inteira por causa de um único parceiro.

— Nem espero isso.

Observei-o por um instante. Era tão teimoso quanto o garoto de quem eu me lembrava, mas aquele adolescente de dezessete anos costumava esconder sua teimosia atrás de uma piada. Agora Krzysztof não precisava de nenhum disfarce.

— Está bem. Duas versões. Mas a decisão final é minha.

— Combinado.

Liguei a música.

Executamos a primeira sequência corretamente. Krzysztof memorizava os passos depressa, embora seus movimentos ainda fossem um pouco rígidos. Quando corrigi a posição de seu braço, ele não protestou. Repetiu os trechos mais difíceis sem reclamar, concentrado, com a testa ligeiramente franzida. Eu conhecia pessoas que disfarçavam a insegurança com brincadeiras. Ele se permitia não saber fazer alguma coisa.

Aquilo era surpreendentemente atraente.

No terceiro giro, interrompi a música.

— Você transfere o peso cedo demais.

— Eu sei.

— Então por que faz isso?

— Porque estou tentando prever o que você vai fazer em seguida.

— Não precisa prever. Basta prestar atenção.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Exatamente.

Só compreendi um segundo depois.

— Não use minhas próprias instruções contra mim.

— Não era minha intenção.

— Mentiroso.

Ele sorriu.

Repetimos a sequência. Dessa vez, diminuí um pouco a velocidade para lhe dar tempo de transferir o peso. Ele respondeu com mais fluidez, e a passagem entre os movimentos tornou-se natural. Por um breve momento, senti uma satisfação que não tinha nada a ver com provar que ele estava certo ou errado.

Estávamos simplesmente começando a dançar juntos.

Quando a música terminou, Krzysztof não se afastou imediatamente.

— Agora é a minha versão — lembrou.

— Eu me lembro do acordo.

Ele escolheu uma gravação mais tranquila, com um ritmo de piano bem definido. Não reconheci a melodia, embora sua simplicidade tenha me agradado de imediato.

— Que música é essa?

— Uma peça que ouvi certa vez enquanto fotografava a apresentação de um pequeno conjunto musical em Varsóvia. Os músicos me permitiram guardar uma gravação do ensaio.

— Você fotografava música?

— As pessoas que a criavam. A música veio de brinde.

Ele estendeu a mão.

Aceitei, dessa vez sem hesitar.

Não seguimos uma coreografia pronta. Krzysztof conduzia com cuidado, deixando espaço para que eu respondesse aos movimentos. No começo, tentei adivinhar o que viria em seguida. Duas vezes me antecipei a ele e, em uma delas, quase tropecei em seus pés.

— Pare de planejar — disse baixinho.

— É fácil falar.

— Tente por quatro compassos.

Olhei para ele com ceticismo.

— Só quatro?

— Eu não exigiria um milagre de você.

Caí na risada.

E foi exatamente naquele instante que alguma coisa mudou.

Não nele. Em mim.

Permiti que o movimento surgisse da condução, e não de uma decisão tomada antecipadamente. Krzysztof não tentava impressionar com figuras elaboradas. Quando percebeu que eu havia recuperado a naturalidade, acelerou um pouco, e respondi sem pensar. Passamos por uma das marcações e giramos em um ponto que meu planejamento não previa.

Havia naquilo alguma coisa perigosamente familiar.

Antigamente, ele também conseguia fazer com que eu me esquecesse da plateia.

Só paramos quando ouvimos aplausos.

Marta estava na porta, acompanhada por duas alunas.

— Desculpem interromper — disse, com uma expressão inocente. — Mas acho que acabamos de assistir a alguma coisa que não está no roteiro.

Dei um passo para trás.

— Estávamos nos aquecendo.

— Claro.

Krzysztof foi até o alto-falante e desligou a música. Percebi que ele não tentou prolongar o momento nem comentar nossa proximidade. Fiquei grata por isso, embora também sentisse uma decepção que não queria analisar.

Durante a hora e meia seguinte, trabalhamos com toda a equipe. Krzysztof não se comportou como um velho conhecido da proprietária da escola. Quando cometia um erro, ele mesmo pedia para repetir a sequência. Ajudava os participantes menos experientes a encontrar o ritmo, mas não os corrigia sem minha autorização. Perto do fim da aula, uma das alunas, a senhora Elżbieta, confessou que tinha medo dos giros porque havia machucado o joelho alguns anos antes.

— Não precisamos fazer uma volta completa — disse Krzysztof. — Podemos diminuir a amplitude do movimento e manter o ritmo.

— Mas vou ficar diferente de todo mundo — protestou ela.

— Todos nós já somos diferentes uns dos outros. Ainda bem.

A senhora Elżbieta riu, e eu lhe propus uma figura mais segura. Krzysztof me lançou um olhar de admiração que não tentou esconder. Aquele único gesto me proporcionou mais prazer do que todos os elogios que eu recebera durante o último mês de preparativos.

Depois do ensaio, começamos a recolher as marcações do chão.

— Você tinha razão sobre a primeira parte — disse ele.

— Eu sei.

— Não pretende nem fingir modéstia?

— Não quando se trata do meu trabalho.

Ele sorriu e me entregou o último pedaço de fita.

— Mas a segunda versão também mostrou alguma coisa.

— Mostrou que você ainda sabe improvisar.

— E que você sabe permitir que alguém conduza.

Olhei para ele.

— Não tire conclusões precipitadas.

Seu sorriso desapareceu, mas não porque tivesse ficado ofendido.

— Não vou fazer isso, Renata. Sei que não sou mais o garoto que você conheceu.

Durante alguns instantes, ouvi apenas o farfalhar dos cabos sendo guardados.

— Eu também não sou mais aquela menina — respondi.

— Percebi.

A maneira como ele disse aquilo me fez esquecer a resposta que eu havia preparado.

Krzysztof pegou o celular. A tela se iluminou com uma chamada recebida. Consegui ver apenas um nome feminino antes que ele virasse o aparelho.

— Preciso retornar essa ligação — disse.

— Não estou prendendo você.

Mesmo assim, ele não saiu imediatamente.

— Gostaria de conversar amanhã sobre as fotografias para os materiais promocionais. Os organizadores me pediram algumas propostas, mas não quero fazer nada sem sua aprovação.

— Mande o conceito para mim.

— Prefiro mostrar alguns exemplos. As fotografias às vezes são mais honestas do que as descrições.

— Obsessão profissional?

— Provavelmente.

Observei-o com mais atenção. Durante uma hora, eu havia acompanhado um homem capaz de aceitar correções, ouvir os outros atentamente e respeitar o espaço alheio. Mas agora via novamente a marca da aliança em seu dedo e o telefone que ele havia guardado no bolso.

Eu não conhecia sua vida atual.

Essa consciência devolveu minha cautela.

— Conversamos amanhã, na escola — decidi. — Às dez.

— Estarei lá.

Ele caminhou em direção à porta, mas parou por um instante.

— E, Renata?

— O que foi agora?

— Obrigado por ter me deixado tentar a segunda versão.

Fiquei sozinha no meio do salão, segurando um rolo de fita adesiva. Não gostei de perceber o quanto a gratidão dele significava para mim. Gostei menos ainda de descobrir que, pela primeira vez em muitos meses, eu não estava pensando apenas na possibilidade de o baile ser um sucesso.

Pensava em um homem que sabia respeitar minhas regras e que, ao mesmo tempo, havia me levado a questioná-las.

Na manhã seguinte, eu conversaria com ele sobre fotografia.

Pelo menos esse era o motivo oficial do nosso encontro.

Capítulo 2 - Entre a luz e a sombra

No sábado, cheguei à escola de dança meia hora antes do encontro marcado, embora soubesse perfeitamente que preparar a sala não exigia tanto tempo.

Limpei os espelhos, organizei os documentos e troquei a água do vaso que ficava na recepção. Depois passei alguns minutos me perguntando se a blusa azul-marinho não parecia elegante demais para uma conversa profissional.

Essa última atividade foi a que mais me irritou.

Eu não pretendia, depois dos quarenta, voltar a me comportar como uma adolescente que trocava de roupa três vezes antes de encontrar um garoto.

Por isso, tirei os brincos que acabara de colocar e, imediatamente depois, coloquei-os de volta.

— Uma coerência admirável, Renata — murmurei para meu próprio reflexo.

Krzysztof chegou pontualmente.

Usava um suéter verde-escuro e uma jaqueta clara. Trazia a bolsa fotográfica pendurada no ombro e uma sacola de papel de uma padaria próxima.

— Não sabia se você tinha tomado café da manhã — disse. — Comprei dois croissants. Se não quiser, como os dois.

Olhei para ele com desconfiança.

— Está tentando me subornar com pão?

— Depende. Está funcionando?

— Ainda não sei.

— Nesse caso, temos um bom ponto de partida para as negociações.

Levei-o até a pequena sala que ficava atrás do espaço de ensaios. O cômodo servia ao mesmo tempo como escritório, arquivo de documentos e lugar onde, às vezes, eu conseguia almoçar sem ser interrompida pelas aulas. Nas paredes havia fotografias das apresentações dos meus alunos, mas nenhuma imagem minha.

Krzysztof percebeu isso quase imediatamente.

— Você não gosta de ser fotografada?

— Prefiro ficar do outro lado da sala.

— Isso não é uma resposta.

— Então vai ter que se contentar com ela.

Ele não insistiu.

Abriu o notebook e me mostrou uma série de fotografias feitas durante eventos beneficentes anteriores. Não eram as imagens típicas de convidados elegantes posando diante dos logotipos dos patrocinadores. Em uma delas, um senhor ajeitava o colar da esposa. Em outra, uma mulher ria tão intensamente que a maquiagem havia borrado. Havia também uma fotografia de mãos entrelaçadas durante uma dança.

— Procuro os momentos em que as pessoas se esquecem de que estão sendo observadas — explicou.

Ampliei a última imagem.

— Você não tem medo de deixar alguém desconfortável?

— É por isso que peço autorização. Sempre, antes de publicar uma fotografia que mostra um momento particular.